

Cartaz

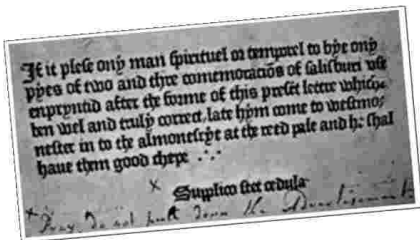
Pode dizer-se que a história do cartaz é coincidente com a própria história do Homem. A sua evolução reflecte com rigor a tecnologia, a estética e o pensamento de cada época. Sabe-se, por exemplo, que os primeiros exemplares da história tiveram a pedra como suporte, em cuja superfícies eram esculpidas as mensagens imanadas pelo poder. Com o aparecimento do pergaminho e do papiro efectiva-se a sua portabilidade. Mas, será o papel, inventado pelos chineses, que lhe confere, séculos mais tarde, um estatuto de grande difusão.

A redescoberta da imprensa móvel, por **Gutenberg**, em meados de quatrocentos, e a descoberta da litografia, em 1796, por **Aloys Senefelde**, são dois marcos indeléveis na história do cartaz. Estavam, pois, criadas as condições para que evoluísse e atingisse o estatuto de grande e, por vezes, único media.

Pequena história do cartaz

The Pyes of Salisbury Use de **William Caxton**, 1480, considerado o primeiro cartaz impresso. Colocado à porta das igrejas, veiculava uma mensagem cujo objectivo era promover o livro religioso.

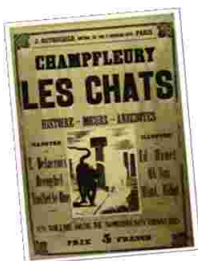
O autor, contemporâneo de **Gutenberg**, foi o introdutor da imprensa móvel no Reino Unido.



Em 1796 **Aloys Senefelder** inventa a litografia (do grego lithos, pedra e grapho escrever). Consistia basicamente em desenhar, através de pincéis, compasso, penas e outro material de desenho, sobre a respectiva pedra litográfica, com uma tinta pastosa composta por cera, sabão e negro de fumo. Esta descoberta vai permitir, décadas mais tarde, desenvolvimentos sem precedentes na história do cartaz. O mais revolucionário de todos é o uso da cor, até então praticamente inexistente.

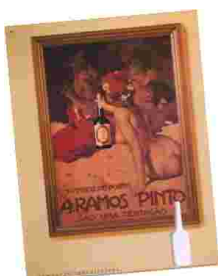


Valentino (1886) de **Jules Chéret** terá sido o primeiro cartaz impresso. O autor, considerado o pai do cartaz moderno, deixou uma vasta obra. O caso presente indicia o elevado carácter dinâmico da sua obra: o palhaço e as raparigas parecem saltar para fora do cartaz, efeito que acentua a inscrição curvada e nos sugere um cartaz tridimensional.



Champfleury - Les Chats (1896), cartaz de **Edouard Manet**. Completamente à margem da corrente dominante da época, esta obra é o prelúdio do cartaz dos nossos dias: grande enfoque no motivo principal a comunica, redução dos detalhes ao mínimo e integração de texto e imagem, resultando numa obra de fácil leitura.

Um caso Português



Adriano Ramos Pinto (1859-1927) fundou a Casa Ramos Pinto com 21 anos. Desde cedo fez notar que a imagem é imprescindível para o sucesso empresarial (lembre-mo-nos que estamos no séc. XIX). Encomendou vários trabalhos (cartazes) a alguns dos mais famosos cartezistas da época.